PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

REVISTA ENSINO DE GEOGRAFIA

(RECIFE)

<http://www.revista.ufpe.br/ensinodegeografia>

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA NO ENSINO DA GEOGRAFIA

José Ricardo Gomes Dos Santos

*Graduado pela UPE - Universidade de Pernambuco e Pós-Graduação lato sensu em
Ensino de Geografia pela Faintvisa - Faculdades Integradas de Vitória de Santo Antão
rikigeo18@gmail.com*

RESUMO: O processo de ensino-aprendizagem da geografia necessita, com urgência, de melhorias de caráter prático, sobretudo, no que diz respeito a noções básicas de cartografia. O presente estudo tem como objetivo valorizar a relação entre alguns conceitos fundamentais da alfabetização cartográfica e o ensino de geografia, dentre os quais se destacam o de lateralidade e orientação espacial. Em seguida, fizemos uma abordagem de como os referidos assuntos são aplicados na realidade escolar, assim como, uma análise da garantia dos mesmos nos documentos oficiais que estrutura o ensino escolar. Tais saberes absorvidos pelos estudantes ajuda-os na interpretação de mapas enquanto linguagem específica de suma importância na leitura do espaço geográfico. Porém, antes disso, outras habilidades são necessárias, sendo a utilização do corpo uma ferramenta didática indispensável no desenvolvimento amplo do sujeito. Por fim, sugerimos uma proposta prática de atividade onde se utiliza a lateralidade e orientação espacial na relação corporal com o lugar, a paisagem e seus objetos. Portanto, apesar das inúmeras questões que prejudicam o processo de alfabetização cartográfica, outras diretrizes são postas em prática com grande sucesso por parte dos professores e estudantes.

Palavras-chaves: Alfabetização cartográfica. Escola. Espaço geográfico. Lateralidade. Orientação espacial.

ABSTRACT: The process of teaching-learning of Geography needs, with urgency, of improvements with practical character, especially, with regards of basic notion of cartography. This study has its main purpose to value the relation between some fundamental concepts of cartographic literacy and the teaching of Geography, within which stand out laterality and space orientation. After that, we approached how these subjects are applied in school reality, as well as an analysis of the assurance that these subjects are in the official documents which structure the school education. These concepts absorbed by the students help them interpret maps with a specific language with huge importance for the reading of geographic space. However, before that, other abilities are necessary, being the use of the body a didactic tool indispensable in the full development of the human being. Lastly, we suggest a practical proposition of activity where it's used laterality and space orientation in the body relationship with the space, the landscape and its objects. Therefore, although there are innumerable topics which harm the process of cartographic literacy, other directions are put into practice with enormous success regarding teachers and students.

Key words: Cartographic literacy. School. Geographic Space. Laterality. Space Orientation.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo tem como objetivo, identificar as relações entre alfabetização cartográfica e o ensino de Geografia, utilizando-se dos conceitos de lateralidade e orientação espacial. É notório o déficit no domínio da linguagem cartográfica entre estudantes e, também, entre os professores do ensino básico. Por outro lado, são muitos os exemplos de boas práticas no domínio desse saber. Isso ocorre por causas múltiplas, dentre as quais se podem destacar: a trajetória histórica da geografia escolar no Brasil; o processo desigual e desproporcional de formação dos professores (as); os fundamentos teórico-práticos utilizados pelos professores (as); a importância atribuída ao domínio desses saberes e a real significância para a vida escolar e social de cada sujeito.

Nesse sentido, busca-se levantar as bases teóricas e empíricas necessárias para a compreensão de como tem se dado a alfabetização cartográfica no ensino básico e seus desafios. Em virtude disso, faz-se necessário relacionar de modo contextualizado os principais conceitos desse processo, dentre os quais são imprescindíveis, os de lateralidade e orientação espacial. É importante destacar que não se pretende tornar exclusivos e únicos tais conceitos para o entendimento do processo de alfabetização cartográfica, mas enquanto referência conceitual se tomará ambos como essenciais no desenvolvimento desta pesquisa.

Corroborar-se aqui com os teóricos que defendem a utilização do corpo enquanto ferramenta didática muito precisa no entendimento de fundamentos espaciais básicos.

Nosso corpo é orientado: à nossa frente se estende aquilo que nosso olhar descobre. Apenas dos rumores e dos odores que nos chegam dali, apreendemos o que está atrás. Do lado direito e do lado esquerdo, há zonas nas quais os olhos detectam os movimentos mas captam mal as formas, um ligeiro movimento com a cabeça basta para descobri-las. Há ainda o acima, da linha dos olhos para o alto, e o abaixo, da linha dos olhos para o chão. O tato completa, na zona de proximidade, aquilo que nossos olhos, ouvidos e nariz nos ensinam. (CLAVAL, 2014, p. 15)

Nas primeiras fases da vida, a criança usa muito de sua percepção e interação com o ambiente para os seus desenvolvimentos. No âmbito escolar, exercícios utilizando o

aspecto corporal dos sujeitos podem contribuir muito no entendimento de como se pratica implicitamente conceitos da alfabetização cartográfica.

Esta é uma pesquisa de grande relevância para a análise da qualidade do ensino-aprendizagem da geografia escolar em uma determinada dimensão, assim como para a atualização continuada do professor\pesquisador em relação à temática em foco. A alfabetização cartográfica nas escolas de ensino básico apresentam muitas carências no que tange os aspectos práticos de importação do saber por parte dos alunos. De acordo com Castrogiovanni (2000, p. 13) “pesquisas comprovam que muito dos professores que atuam nas séries iniciais não foram alfabetizados em geografia”.

A leitura de mapas ainda hoje utilizada em processos de ensino-aprendizagem, não atendem as expectativas para a interpretação do espaço geográfico de modo integrado. Em muitos casos os mapas são vistos como meros painéis com formas e cores estáticos. Colaborando com tais dificuldades estão muitas vezes, as bases teórico-práticas utilizadas pelo professor (a) em sala de aula. Esse acúmulo de fatores associado à tradição positivista da geografia escolar no Brasil tem colaborado para o analfabetismo cartográfico da maioria dos estudantes do ensino básico.

Para compreender melhor o tema, faz-se necessário constituir relações entre os conceitos básicos da linguagem cartográfica e sua devida utilização na leitura de mapas. Visando a melhoria do ensino da geografia escolar, especificamente, do domínio do letramento cartográfico, busca-se enfatizar e revisar bibliograficamente como práticas e teorias vem sendo utilizadas em tais processos de ensino, aprendizagem e pesquisa. Entende-se aqui que o termo letramento cartográfico assume por extensão um aspecto além do domínio das noções básicas da linguagem cartográfica. Esta ampliação se vincula a busca pelo sentido interpretativo de tais noções, de modo aplicado, por parte dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, têm-se como problema de pesquisa as seguintes questões: Que relações são estabelecidas entre o desenvolvimento teórico-prático da alfabetização cartográfica com os conceitos de lateralidade e orientação espacial? Qual o seu fundamento para a leitura de mapas? Como estão sendo ensinados nas escolas? E como estão sendo assimilados pelos alunos?

REFLEXÕES: LATERALIDADE E ORIENTAÇÃO ESPACIAL

Ambos os conceitos estão explicitados na epistemologia genética de Piaget como comportamentos básicos das relações espaciais do sujeito com o espaço vivido. Divide-se em topológicas, projetivas e euclidianas as etapas do processo de construção e representação do espaço do sujeito.

Segundo Castrogiovanni (2000, p.17) “é o espaço vivido, construído pelos deslocamentos, através do rastejar, engatinhar, andar, procurar, etc; e pelos sentidos, que estruturam as relações de próximo, dentro, fora, acima, embaixo, ao lado de, contém, está contido, etc.” Essa experimentação direta, com o lugar cotidiano, contribui para os primeiros ensaios de envolvimento da criança com os objetos e o meio mais próximo. Como destaca Almeida e Passini (2015, p. 26), “o espaço vivido refere-se ao espaço físico, vivenciado através do movimento e do deslocamento”.

Por se encontrar no período sensório-motor, a criança, com idade variando dos 0 até 2 anos, utiliza muito da percepção e da interação como estratégia de convívio. Essa é a fase introdutória da ação intuitiva dos sentidos que a criança usa para se relacionar com o mundo mais próximo de si. A partir de então, inicia-se as relações de vizinhança, separação, ordem, envolvimento e continuidade. Castrogiovanni (2000); Almeida e Passini (2015). Nesse estágio, a criança encontra-se no seu pleno mundo egocêntrico, onde o principal ponto de referência é o seu próprio corpo. Consideradas de suma importância, essas relações espaciais conhecidas como topológicas, antecedem as relações projetivas e euclidianas na tríade da construção da noção de espaço. Ainda nessa perspectiva Almeida e Passini (2015, p. 33) enfatizam:

A localização geográfica constrói-se à medida que o sujeito se torna capaz de estabelecer relações de vizinhança (o que está ao lado), separação (fronteira), ordem (o que vem antes e depois), envolvimento (o espaço que está em torno) e continuidade (a que recorte do espaço a área considerada corresponde), entre os elementos a serem localizados. Por isso é difícil, mesmo para alunos de

séries mais adiantadas do 1º grau, realizar um estudo geográfico de áreas isoladas, descontextualizadas.

Do ponto de vista da contextualização dos estudos geográficos, nas relações de separação, as noções de limite e divisa devem ser englobadas numa leitura mais sistemática e clara. Posteriormente, já numa fase evolutiva adequada, a criança ampliará sua concepção do espaço geográfico a partir do lugar vivido e concebido.

Na fase seguinte denominada de relações projetivas, Teixeira e Castrogiovanni (2014) destacam que a criança já não é somente o único ponto de referência, mas começa um processo de se projetar noutros pontos espaciais. Baseados nos estudos de representação do espaço na criança de Piaget e Inhelder, os autores enfatizam ainda o fato coincidente de ser nessa etapa, entre os 2 anos de idade até os 7 anos aproximadamente, que o sujeito introduz seu ingresso na escola. O aspecto egocêntrico da criança começa a ser preenchido pelo processo de descentração, ou seja, podemos entender como uma fase de ações reflexivas mais complexas. Nessa perspectiva, a intuição dos primeiros 2 anos de vida se amplia através da habilidade de se projetar no espaço de modo mais consciente. De acordo com Castrogiovanni (2000, p. 21), “as noções fundamentais que envolvem as relações projetivas são: direita e esquerda, frente e atrás, em cima e em baixo e ao lado de”. Essas noções são a base para a construção do conceito de lateralidade a partir da ação de se movimentar em relação a outros objetos do espaço. Isso implica num amadurecimento evolutivo capaz de permitir a criança dar a posição de objetos em diferentes situações, pois exerce movimentos espaciais de situação descentrada; Castrogiovanni (2000).

De forma lúdica e espontânea, as brincadeiras de infância nos faz relembrar como praticávamos tais criancices. Brincar de casinha, esconde-esconde, jogar bola, bola de gude, pular corda, quadrilhas juninas etc; são algumas práticas diárias e sazonais que já se exercita de modo intuitivo, por exemplo, a lateralidade. Dentre os aspectos em comum que tais brincadeiras contêm, a ação de se deslocar no espaço é a mais evidente enquanto dimensão corporal de cada um de nós. Sendo assim:

Atividades que envolvem o corpo, mais precisamente a noção corporal de direita e esquerda ou hemisferização corporal, desenvolvem domínios necessários para a leitura de mapas. A lateralidade é um destes. Na orientação,

o aluno precisa da lateralidade para construir referências aos astros, como o Sol por exemplo, e relacionar o sentido (Norte, Sul, Leste e Oeste) à sua direita ou esquerda; outro ponto em que a lateralidade é necessária é a visão do mapa em si, uma representação plana, geralmente vista de frente, em que a questão da lateralidade se torna espelhada: à esquerda ou à direita de quem observa o mapa é o contrário da lateralidade dos continentes.” (TEIXEIRA E CASTROGIOVANNI, 2014)

Nas relações euclidianas, as representações feitas têm como base a noção de distância, sendo possível com isso determinar os objetos uns aos outros dentro de um sistema fixo de referência ; Castrogiovanni (2000). Vale lembrar ainda, que enquanto o aparecimento da perspectiva induz à criança na conservação da posição dos objetos em paralelo a alteração do seu ponto de vista, nas relações espaciais euclidianas ocorre o surgimento da noção de coordenadas, ou seja, a relação do objeto com o lugar e seu deslocamento em uma mesma estrutura.

Os alunos das séries iniciais do 1º grau (faixa etária de 7-11 anos) estão em fase de construção dessas noções. Por isso elas são percebidas de forma concreta, no espaço vivido. Mas têm dificuldades para suas representações gráficas, que exigem abstração para entender a simbologia usada, bem como sua correspondência com o espaço real. (ALMEIDA E PASSINI, 2015 p. 39).

É necessário que a escola e os professores criem condições didáticas e metodológicas para atender aos apelos cognitivos, motores e artísticos das crianças. Para tanto, deve-se refletir como são garantidos os devidos conceitos nas aulas de geografia, assim como sua importância na leitura de mapas.

APLICABILIDADE ESCOLAR DE TAIS CONCEITOS

A Cartografia é uma ciência que estuda a utilização das cartas ou mapas, relacionadas às técnicas e aos aspectos artísticos. A Cartografia interage em conjunto das práticas geográficas. Para Silva (2015, p.13), o estudo da Geografia, do ponto de vista de sua abrangência, tem sua aplicabilidade com outras ciências, como climatologia, geomorfologia, hidrologia, biogeografia. Todas essas abrangências são consideradas ramificações geográficas.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNs de Geografia, nos anos iniciais um dos objetivos básicos é o ensino de cartografia (BRASIL, 1997). Nas primeiras fases da vida, a criança usa muito da percepção e da interação com o ambiente. No âmbito escolar, exercícios utilizando o aspecto corporal dos sujeitos podem contribuir muito no entendimento de como se pratica implicitamente conceitos da alfabetização cartográfica.

No que concerne com a história dos mapas, ela é considerada milenar, pois o ser humano ao longo do tempo procurou analisar tudo que estava a sua volta, como à marca deixada pelas suas caminhadas que ficavam gravadas na areia. Depois passou a observar os desenhos que ficavam pintados nas grutas, além das cascas das plantas e das peles dos animais.

Com o decorrer do tempo, o homem foi se aprimorando, saindo da pintura rudimentar e entrando em uma fase de descobrimento de novas técnicas e de matéria-prima para a confecção de mapas ditos rudimentares da Idade Antiga como: mapas feitos de blocos de argila de papiro e pergaminhos. Essa era a maneira com a qual os homens se relacionavam na antiguidade. O importante era ter em mãos, um veículo que lhe proporcionasse meios para se orientar e poder traçar seu próprio diário. (SILVA, 2015 p. 15)

Em paralelo a outros avanços da humanidade, as preocupações com os traçados que futuramente viriam se tornar mapas sofisticados, possibilitou um avanço gradual na descoberta de novos espaços ao longo do tempo em diferentes regiões do planeta Terra. As peregrinações, a comunicação oral e as variadas formas de registros materiais tornaram-se ferramentas fundamentais no processo hereditário de aprimoramento das técnicas envolvendo a representação espacial para diversos fins.

Do ponto de vista do processo de ensino aprendizagem, as instituições escolares têm funções garantidas por medidas oficiais de incluir a cartografia no ensino das disciplinas, em especial e indispensável à Geografia. Novamente, os PCNs para o ensino de Geografia incluem a linguagem cartográfica e os mapas como conteúdos obrigatórios nas salas de aula (BRASIL, 1998). Deve-se aproveitar bastante essa fase em que a criança usa muito da percepção e da interação com o ambiente, para desenvolver atividades que agucem e estimulem suas habilidades na representação e leitura do lugar vivenciado.

Segundo Oliveira e Souza (2016), é preciso dá um basta no ensino de geografia com apenas leituras de mapas temáticos abstratos, sendo necessária uma aproximação dos fatos ligados ao cotidiano da criança, ou seja, mais próximos e possíveis do desenvolvimento de conceitos e atividades mais significativas. Compactuando com esse raciocínio, para Almeida e Passini (1989, p. 15) “a preparação do aluno para essa leitura deve passar por preocupações metodológicas tão sérias quanto a de ensinar a ler e escrever, contar e fazer cálculos matemáticos”.

Vale ressaltar a desproporção quantitativa das aulas ministradas de geografia diante as de matemática e língua portuguesa nas escolas. Esse fato dificulta muito a leitura do mundo sob um viés geográfico, ou seja, de modo integrado à forma de atuação da sociedade sobre os fenômenos naturais e como estes últimos determinam organizações espaciais diversas nos mais variados lugares e continentes. Consequentemente, o uso da cartografia nos trabalhos em sala de aula fica também comprometido. A utilização única e exclusiva do livro didático para práticas pedagógicas empobrece a possibilidade de melhoria do ensino-aprendizagem diante os anseios e transformações que a sociedade (re) produz.

A interdisciplinaridade, nesse caso, é um importante recurso teórico-prático de comunicação e aproximação das áreas do saber em favorecimento da formação de sujeitos dignos de seus direitos e deveres numa sociedade que busca equilíbrio socioambiental, apesar de complexa e desigual. Todavia, o domínio disciplinar de cada ciência é tido como essencial para uma possível prática interdisciplinar.

O professor de uma disciplina específica com uma atitude interdisciplinar abre a possibilidade de ser um professor-pesquisador porque deve selecionar os conteúdos, métodos e técnicas trabalhados em sua disciplina e disponibilizá-los para contribuir com um objeto de estudo em interação com os professores das demais disciplinas. Isso não pode ser realizado sem uma pesquisa permanente. (PONTUSCHKA, PAGANELLI E CACETE, 2009, p. 145).

É necessário desburocratizar a inter-relação entre professores e gestores das escolas públicas e privadas. Ainda se observa muitos comportamentos docentes que macula o processo de ensino-aprendizagem, como a soberba científica, em que professores de diferentes áreas do conhecimento se autodenominam superiores aos

colegas profissionais. Nesse sentido, fica mais difícil a realização de atividades que contemple a interdisciplinaridade. É preciso que os profissionais compreendam as suas responsabilidades com a escola e, sobretudo, com a democratização da informação que deverá ser traduzido em conhecimento para todos os estudantes, sem exceção. Vale reiterar que todas as ciências e linguagens contribuem para a evolução cultural, intelectual e moral de cada sujeito, de acordo com as diretrizes e base educacional vigentes em cada país com suas peculiaridades regionais, estaduais e municipais, ou seja, nas distintas escalas geográficas.

Portanto, esperamos que as reflexões trazidas possam contribuir para nossa inquietação científica e didática em função da melhoria de práticas docentes em sala de aula e, conseqüentemente, em desempenhos e resultados satisfatórios por parte dos estudantes. Fortalece-se aqui o caráter fundamental da qualificação dos cursos de licenciaturas e seus eventos temáticos. Foi através de um desses eventos – Semana do Meio Ambiente – que pensamos em propor uma atividade a partir dos conhecimentos adquiridos. O evento ocorreu no Campus Mata Norte da Universidade de Pernambuco entre os dias 05 e 06 de junho de 2017. Dentre as várias atividades, nos baseamos na oficina com o tema: *letramento cartográfico a partir de recursos da natureza*, ministrada pelo professor Dr. Jorge José Araujo da Silva, livre docente do departamento de licenciatura em geografia da mesma instituição de ensino. A oficina ocorreu no dia 05 de junho no período vespertino das 15 às 18h. A maioria dos estudantes que participaram foi dos cursos de licenciatura em Geografia e Biologia.

DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADE COMO RECURSO DIDÁTICO

Mediante as discussões feitas anteriormente sobre os desafios enfrentados no processo de alfabetização cartográfica, propomos uma atividade que pode contribuir muito na efetivação e valorização de suas noções elementares.

TEMA: Letramento Cartográfico a partir dos recursos do ambiente

OBJETIVO GERAL

Promover a compreensão de noções básicas de cartografia tomando como fundamento os conceitos de lateralidade e orientação espacial.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Apreender a dimensão do ambiente local da escola; desenvolver relações espaciais capazes de promover habilidades de leitura do lugar cotidiano e seus objetos; proporcionar a coordenação motora, psicológica e artística através da orientação espacial; promover a observação da paisagem com seus aspectos culturais, biológicos e físicos;

METODOLOGIA:

Desenhar em sala de aula, a rosa dos ventos em folha de A4 com método artístico específico. Em seguida, explicar sobre a importância dos pontos cardeais, colaterais e se possível, os subcolaterais. Posteriormente, promover através do corpo e seus aspectos, a percepção real dos objetos e fenômenos da paisagem do entorno da escola. Nesta etapa, o grupo liderado pelo professor (a) deverá se deslocar para a área aberta da escola (pátio, quadra, jardim, horta etc). O principal objetivo desta etapa é promover a orientação espacial através de referenciais que contemplem os pontos cardeais (N, S, L, O). Os envolvidos devem dar as mãos e formar um círculo humano. A ciranda com seu ritmo musical marcante se tornará um recurso pedagógico muito rico, devendo ser explorada e aproveitada no envolvimento e interesse dos estudantes.

Para facilitar tal orientação, deverá ser escolhido um ponto de referência. É muito comum nas escolas com horário matutino, a escolha da posição nascente do Sol para introduzir o processo. Para os horários vespertinos, o Sol poente poderá ser uma excelente alternativa referencial. Nos horários noturnos, outros pontos de referência deverão ser utilizados. Adiante, o grande grupo será dividido em quatro grupos menores onde cada um ficará simbolizado por um ponto cardinal, com funções de observar e colher objetos do lugar que representem suas características.

Após esta etapa, os estudantes deverão voltar à sala de aula para finalizar os procedimentos. Já em sala, os grupos deverão ser mantidos e responsáveis por todos os objetos que colheram na etapa anterior. Neste momento, a rosa dos ventos desenhada na folha de A4 ganhará características dos objetos de cada ponto cardinal a partir da colagem

dos mesmos sobre o desenho. Cada grupo deve iniciar tal processo através de seus próprios objetos. Só depois, os componentes de cada grupo farão intercâmbio com os demais grupos para adquirir os objetos por eles (as) colhidos e, assim, colar nos demais pontos cardeais desenhados na folha A4. Quando todos os espaços da folha forem preenchidos, o trabalho poderá ser exposto no pátio ou corredor da escola na forma de mural ou cordão\varal.

PÚBLICO ALVO: 6º ano do ensino fundamental.

DURAÇÃO TOTAL: 3 ou 4 aulas

MATERIAIS QUE SERÃO UTILIZADOS: Folha A4, lápis grafite ou colorido, materiais disponíveis no lugar, cola branca, cordão de nylon e grampos.

A multiplicidade de cores devidamente orientadas e a característica artística de cada estudante se expressarão em meio aos demais membros da escola. As fotografias utilizadas abaixo foram registradas na oficina mencionada anteriormente, podendo também, servir de roteiro visual na organização das atividades por parte dos professores (as).

Foto 1- Desenho da rosa dos ventos

Fonte: Assessoria da UPE

Foto 2- Círculo humano no pátio

Fonte: Assessoria da UPE

Foto 3- Orientação em sala

Fonte: Assessoria da UPE

Foto 4- Estudantes em ação

Fonte: Assessoria da UPE

Foto 5- Grupo menor na colagem

Fonte: Assessoria da UPE

Foto 6- Rosa dos ventos finalizada

Fonte: Viviane Vasconcelos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notória a necessidade de mudança nas práticas escolares envolvendo ensino-aprendizagem da geografia. Não é tão diferente e não menos importante, a revisão e análise de como estão sendo alfabetizados sob uma abordagem cartográfica, os estudantes. O ensino básico, representado principalmente pelos desempenhos de estudantes e professores, nos sinaliza com urgência a revisão de práticas e teorias, sobretudo, vinculadas ao ensino de noções elementares de cartografia. A proposta da atividade prática escolhida soma-se ao esforço científico de valorização de novos métodos e propostas de ensino para um ensino mais humanizado e significativo. A manutenção e melhoramento da formação de professores e das licenciaturas são essenciais para esse processo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rosângela Doin de; PASSINI, Elza Yasuko. **O espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 1989.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia** (1.a a 4.a séries). Brasília: MEC\SEF, 1997.
- . PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia \ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC\SEF, 1997. 166p.
- CASTROGIOVANNI, Antônio. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CLAVAL, P. **Terra dos homens: a geografia**. Tradução Domitila Madureira. 1ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

DE OLIVEIRA, Ederson Dias; SOUZA, Thais de Cássia Silva; ROCHA, Ariadny Rayani Santos. **ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA: práticas pedagógicas nos anos iniciais**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, v. 6, n. 12, p. 274-291, 2017.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2009. – (Coleção docência em formação. Série Ensino Fundamental)

TAVARES, F.; BARROS, M. J.; PINA, S. J. Saberes ambientais e educacionais. In: SILVA, J. L. **Mapas: histórico e aplicabilidade na contemporaneidade**. Recife: Libertas, 2015.

TEIXERA, C. C.; CASTROGIOVANNI, A. C. **Orientação e lateralidade: uma proposta à luz da epistemologia genética**. In: Encontro de Práticas de Ensino de Geografia da Região Sul, 2., 2014, Florianópolis. Anais eletrônicos. Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em <<http://anaissenpegsul.paginas.ufsc.br>>.

Data de Recebimento: 20/08/2018

Data de Aceite: 14/12/2018